

A (IN)SATISFAÇÃO HISTÉRICA: ENTRE O FALO E A FALTA

Elizabeth Cristina Landi L. Souza

A história da psicanálise está estreitamente vinculada à histeria. Freud inaugurou a clínica da singularidade, entrelaçando a histérica, o analista e o terceiro escutado e nomeado por ele: o inconsciente. No discurso da histeria, há um sujeito barrado que se dirige a um outro, não qualquer, mas ao Outro, significante mestre, aquele que ela supõe saber o que ela não sabe, mesmo sabendo, e que a determina. Sujeito barrado, histérico, que demanda a produção de um saber sobre aquilo que não quer ser sabido, porque o gozo, produzido por efeito da própria divisão, fica escamoteado, velado (LACAN, 1992). Mas esse sujeito barrado convoca, via transferência, um outro que, ocupando o lugar de analista, possibilita a apresentação da verdade do desejo inconsciente.

Freud (1915/2004) insistiu tanto em saber dessa verdade escamoteada que a construiu, através do discurso da histérica. Ele refez o caminho dos indícios (sintomas, sonhos, atos falho, chistes) para a causa. Chegou ao recalque e afirmou não ser possível dizer que é ele que cria as formações substitutivas, mas que essas são sinais de que o recalcado retorna, porque o desejo inconsciente não cede à defesa.

Para caracterizar o recalque na histeria de conversão, Freud (1915/2004) apontou seu fracasso, uma vez que são muitas as formações substitutivas, mesmo que às vezes a parcela de afeto recalçada desapareça e gere indiferença. A notícia de que o recalque fracassa é dada pelo sofrimento da histérica, uma vez que não há mecanismo capaz de defender tão bem o território do eu que evite o sofrimento do qual se tenta escapar.

Nas históricas, a sexualidade infantil deixou marcas específicas, modelando os substitutos da pulsão recalçada em simbolizações corporais: inervações somáticas muito fortes, provocando o corpo, nos sentidos e nos movimentos, a se excitar ou a se inibir: conversão histérica. Não era simples fingimento, feitiçaria ou incorporação diabólica (ROUDINESCO; PLON, 1998). Essa possessão passiva, nomeada assim na

Antiguidade, indicava outra coisa, não tão explícita, nem tão mensurável ou apreensível pelo saber médico. Freud (1915/2004) apontou sim para uma divisão, mas não entre corpo e alma, como as explicações religiosas faziam, mas entre consciente e inconsciente, entre representante pulsional e recalque.

Talvez um quadro de histeria de conversão como aqueles do final do séc. XIX não seja tão freqüente hoje, apesar de ainda se apresentarem aos que quiserem ver. Há outras cenas e outras máscaras apresentadas pelas histéricas que procuram análise e elas chegam pagando com o corpo as dívidas adquiridas ao longo da vida. Chegam também as que cuidam do corpo para que ele sirva de esteio à peça teatral que precisam encenar.

Uma histérica do século XXI apresenta-se então numa análise, talvez não desejando análise, mas queixando-se dos sofrimentos que seu sintoma lhe acarreta. Jóia é seu nome. Um sujeito, tão inteiro, tão completo, tão estrela, que ao se deparar com a falta, sofre e vê seu mundo desabar. Jóia começa a falar de uma tal insatisfação, e pergunta, tal como um \$ (sujeito barrado) ao S_1 (significante mestre) no discurso da histérica: “*De onde vem essa minha insatisfação?*”. Na análise, não cabe ao analista responder, “aliás, o de que se trata é de fazê-la falar”. (LACAN, 1998a, p. 18).

Mas aquela pergunta ficou insistindo, pedindo resposta, provocando. Freud (1987) a encontrou, como traço diferencial da histérica no sonho que uma histérica lhe relatou sobre um salmão defumado, que era pouco para oferecer o jantar aparentemente desejado. Ela sonhou para mostrar a Freud que é preciso dialetizar a realização de desejo no sonho.

“Para curar a histérica de todos os seus sintomas, a melhor maneira (é) satisfazer seu desejo de histérica – que é para ela o de colocar aos nossos olhos seu desejo como desejo insatisfeito” (LACAN, 1998, p. 19). A histérica quer, portanto, mostrar ao analista seu desejo insatisfeito. Ao analisar o sonho, Freud (1900/1987) desmascarou o desejo manifestamente não realizado, evidenciando a satisfação latente

em manter o desejo in-satisfeito, afinal: "... a não-realização de um desejo significava a realização de outro." (p.165).

No sonho da Bela Açougueira, ela queria oferecer um jantar, mas tinha pouco salmão defumado, então tentou resolver a situação pensando em sair para comprar algo, ou telefonando para algum fornecedor, mas era domingo, tudo estava fechado e o telefone não funcionava, portanto teve que renunciar à idéia de oferecer o tal jantar. Freud (1900/1987) pediu que ela falasse, associasse, pois para interpretar o sonho, era preciso que o sonhador comparecesse. E outros significantes foram aparecendo: o marido que desejava emagrecer respondeu a um retratista que queria pintar seu rosto que seria preferível pintar o traseiro de uma moça bonita; o desejo de comer caviar e a proibição que ela mesma impôs ao marido (que lhe desse caviar), continuando assim a implicar com ele; uma amiga que queria engordar jantando na casa dela, comendo seu prato predileto: salmão. Para completar, o marido, que sempre elogiava a amiga, preferia as mais 'cheinhas'.

Freud (1900/1987) encontrou dois sentidos para o sonho. No primeiro, apontou a impossibilidade da histérica oferecer o jantar, com salmão, à amiga que queria engordar e que poderia, assim, atrair ainda mais seu marido. A outra interpretação, mais sutil, apontou a questão da identificação histérica e do próprio desejo insatisfeito. O sonho mostra assim que há uma identificação entre a sua renúncia do desejo de comer caviar e a renúncia imposta no sonho ao desejo da amiga de engordar comendo salmão. "Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente." (FREUD, 1900/1987, p. 164).

O desejo renunciado se revela no sonho, e sua insatisfação é o que caracteriza o sintoma da histérica. Lacan (1999), na releitura que faz desse sonho, aponta-o como portador da criação de um desejo insatisfeito que tem uma função e que se situa entre o

desejo e a demanda. A histérica demanda amor e deseja caviar, ou melhor, deseja não comer caviar que é o que ela quer.

A questão, justamente, é saber por que, para que uma histérica mantenha um relacionamento amoroso que a satisfaça, é necessário, primeiramente, que ela deseje *outra coisa*, e o caviar não tem aqui outro papel senão o de ser outra coisa, e em segundo lugar, que, para que essa *outra coisa* desempenhe bem a função que tem a missão de desempenhar, ela justamente não lhe seja dada. (LACAN, 1999, p. 376)

Para a histérica, há sempre algo que não satisfaz, um *outro* desejo que não pode ser satisfeito. “A histérica é, precisamente, o sujeito para quem é difícil estabelecer com a constituição do Outro como grande Outro, portador do signo falado, uma relação que lhe permita preservar seu lugar de sujeito” (LACAN, 1999a, p. 376). A histérica, então, não quer assumir seu lugar de sujeito e arcar com o desejo e as vicissitudes que lhe são próprias, especialmente a falta?

Ela quer um desejo insatisfeito e a identificação com a amiga, no sonho, aponta para a questão de que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 1998b, p. 634). A açougueira é representante legítima da histérica, sujeito dividido pela linguagem, impossibilitado de falar em nome próprio, apropria-se de significantes Outros, que possam ser seus. Em vez de caviar, salmão. Lacan mostra que o desejo é constituído no discurso, pela condição imposta ao sujeito de que o que é da ordem da necessidade seja simbolizado, passe pelo significante, e seja endereçado ao Outro. Por isso o desejo do homem é desejo do Outro, porque não há um eu que deseje sem Outro.

E por que manter o desejo insatisfeito? A histérica se esquiva, ela tem o salmão, tem o marido açougueiro, mas não dá, não pode oferecer o jantar à amiga, tem que manter o desejo do Outro insatisfeito, ela negligencia a demanda da amiga, que na verdade é apenas uma máscara com a qual ela tenta escamotear sua questão, sempre referida ao falo.

Na clínica comparecem históricas sem salmão ou caviar, mas que apresentam sua (in)satisfação de seduzir os homens. Jóia, a histérica de cem anos depois de Freud

diz: *“Quando tenho o que quero, quando ele está aos meus pés, não quero mais. Aí já estou pensando no próximo. É como uma droga, tenho que procurar alguém para sugar. Consegui o que eu quero, agora pronto, pode ir embora. Meu gozo é até conquistar. Credo!”*. Uma pequena Dora brasileira, que fala inclusive da marca que o livro Drácula, de Bram Stoker, deixou em sua fantasia, dizia ficar pensando naquela *“coisa de sugar...”*. Mas o desejo fica insatisfeito e a questão se mantém.

Enquanto o sujeito histórico não reconhece que o desejo do Outro é barrado, ele não pode reconhecer-se barrado, não reconhece seu desejo marcado pela castração. A histórica deseja ser o falo, ter o falo, ela se coloca no lugar do próprio falo, isto é, daquilo que pode satisfazer o outro. E a pequena Dora continua: *“Tenho uma amiga que diz que eu vicio, que ela tem que ter um pouco de mim de tempos em tempos”*. E ainda: *“Você já viu aquele filme ‘O Show de Truman’? Pois é, eu me sinto assim, filmada por várias câmeras em todos os momentos do dia, é como se eu estivesse num palco”*. Que brilhante descrição da posição fálica, do desejo de ser o objeto privilegiado do mundo da vida, de ser esse simulacro. Lacan (1999) apresenta o falo contranstando-o com o significante, essencialmente oco. *“Inversamente, o que se apresenta no falo é aquilo que se manifesta na vida (...) como turgescência e impulso”* (p. 359).

Ao se iludir com esse nada oco falo, o sujeito se esquivava da castração, evita encontrar-se com o que deixa a demanda sem resposta, insatisfeita, numa insistência em denegar a falta. A histórica que convocou o saber de Freud (1900) encontra-se no centro da confusão entre demanda e desejo, pois o que está em questão sempre é sua condição de falta-a-ser, ao mesmo tempo em que não cessa de apelar ao Outro seu complemento. No entanto, o Outro é lugar de fala e *“é também o lugar dessa falta”* (LACAN, 1998b, p.633).

Esse desejo de ser o falo, signo do que é desejado, faz a mulher, não podendo se deparar com a castração, metonimizar, substituir a falta por uma insígnia fálica

qualquer. E não é apenas Freud quem assim o nomeia, diz Jóia, a pequena Dora: “*Eu acho que só vou me sentir completa quando tiver um filho*”, trocando em miúdos, um falo.

O fato de ela se exibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico, que é o que está mais ligado à sua feminilidade (LACAN, 1999, p. 363).

O falo serve de máscara, encobre a falha, disfarça aquilo que falta, mas denuncia também que há falta. As máscaras são tantas quantas forem as insatisfações, ou seja, elas são constituídas pelas demandas recusadas. A histérica não tem o falo, no Édipo se depara com a castração, é convocada a uma travessia que faz de braços dados com o sintoma. Esse é seu gozo: ela goza de manter-se insatisfeita, protegendo-se paradoxalmente do desejo.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**, vol. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O Recalque (1915) In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ROUDINESCO; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SOBRE A AUTORA

Elizabeth Cristina Landi de L. Souza. Mestre em Psicologia. Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Goiás e do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás. Membro do Núcleo do Corpo Freudiano de Goiânia - Goiás.